

HOLLY BLACK  CASSANDRA CLARE

MAGISTERIUM

 O DESAFIO
DE FERRO

Tradução

Raquel Zampil

1ª edição

GALERA

— **junior** —

RIO DE JANEIRO

2021

PRÓLOGO

A distância, o homem lutando para escalar a face branca da geleira talvez parecesse uma formiga rastejando lentamente pela lateral de um prato fundo. A favela de La Rinconada era uma coleção de pontos espalhados muito abaixo, e o vento ia aumentando de intensidade à medida que ele ganhava altitude, soprando rajadas de neve em seu rosto e congelando as mechas úmidas dos cabelos pretos. Apesar dos óculos de proteção, ele franziu o rosto contra os ofuscantes reflexos do pôr do sol.

Ainda assim, o homem não tinha medo de cair, embora não usasse cordas nem linhas de segurança, somente grampos e um único machado de gelo. Seu nome era Alastair Hunt, e ele era um mago. Enquanto escalava, dava forma e moldava a substância congelada da geleira sob suas mãos. Apoios para pés e mãos surgiam à medida que ele avançava pouco a pouco em seu caminho ascendente.

Quando alcançou a caverna, a meio caminho do topo, estava parcialmente congelado e totalmente exausto de curvar sua vontade para domar o pior dos elementos. Exercer a magia de maneira tão contínua minava sua energia, mas ele não ousara diminuir o ritmo.

A caverna se abria como uma boca na encosta da montanha, impossível de ser vista de cima ou de baixo. Ele içou o corpo sobre a borda da abertura e arquejou, inspirando profundamente e amaldiçoando-se por não ter chegado antes, por ter permitido ser enganado. Em La Rinconada, as pessoas tinham visto a explosão e sussurrado sobre o que ela significava, o fogo dentro do gelo.

Fogo dentro do gelo. Tinha de ser um pedido de socorro... ou um ataque. A caverna estava repleta de magos velhos demais ou jovens demais para lutar, os feridos e os doentes, mães de crianças muito pequenas que não podiam ser deixadas para trás — como a mulher e o filho do próprio Alastair. Eles haviam se escondido ali, em um dos lugares mais remotos da terra.

Mestre Rufus insistira que, de outro modo, estariam vulneráveis, reféns do destino, e Alastair confiara nele. Depois, quando o Inimigo da Morte não apareceu no campo para encarar a campeã dos magos, uma garota Makar em quem eles haviam depositado todas as suas esperanças, Alastair se dera conta de seu erro. Ele chegara a La Rinconada o mais depressa que pôde, voando a maior parte do caminho no dorso de um elemental do ar. De lá, seguira a pé, pois o controle do Inimigo sobre os elementais era imprevisível e forte. Quanto mais alto ele subia, mais assustado ficava.

Que eles estejam bem, pensou ao entrar na caverna. *Por favor, que eles estejam bem.*

Deveria ouvir o choramingo de crianças. Deveria ouvir o burburinho de conversas nervosas e o zumbido da magia dominada. Em vez disso, havia apenas o uivo do vento que varria o pico deserto da montanha. As paredes da caverna eram de gelo branco salpicado de vermelho e marrom nos pontos em que o sangue tinha respingado e derretido em manchas. Alastair tirou os óculos de proteção e os largou no chão, avançando pela passagem, lançando mão dos resquícios de seu poder para se acalmar.

As paredes da caverna emitiam um sinistro brilho fosforescente. Longe da entrada, aquela era a única luz que havia, o que provavelmente explicava por que ele tropeçou no primeiro corpo e quase caiu de joelhos. Alastair afastou-se com um grito, então

estremeceu ao ouvir a própria voz ecoar. A maga caída parecia irreconhecível de tão queimada, mas usava a pulseira de couro com a grande peça de cobre martelada que a identificava como aluna do segundo ano do Magisterium. Não devia ter mais que 13 anos.

Já devia estar acostumado com a morte a esta altura, disse a si mesmo. Eles estavam em guerra com o Inimigo fazia uma década que, às vezes, parecia um século. Primeiro, tinha sido considerado impossível — um único jovem, mesmo sendo um dos Makaris, planejando conquistar a morte. Mas à medida que o poder do Inimigo aumentava, e crescia seu exército de Dominados pelo Caos, a ameaça havia se tornado inescapavelmente cruel... culminando naquele impiedoso massacre dos mais indefesos, dos mais inocentes.

Alastair se aprumou e adentrou ainda mais na caverna, procurando desesperadamente por um rosto acima de todos. Forçou sua passagem entre os corpos dos Mestres idosos do Magisterium e do Collegium, filhos de amigos e conhecidos, e magos que tinham sido feridos em batalhas anteriores. Entre eles jaziam os corpos despedaçados dos Dominados pelo Caos, os olhos revirados escurecidos para sempre. Embora estivessem despreparados, os magos provavelmente se lançaram em uma luta e tanto para conseguir matar tantos integrantes das forças do Inimigo. Com o terror lhe agitando as entranhas, os dedos das mãos e dos pés dormentes, Alastair passou por cima de tudo ali, cambaleando... até que a viu.

Sarah.

Ele a encontrou caída no fundo da caverna, encostada a uma parede de gelo embaçado. Seus olhos estavam abertos, fitando o nada. As duas íris estavam turvas e os cílios, grudados com o gelo. Ele se abaixou e acariciou com os dedos seu rosto gelado. Respirou fundo, seu soluço cortando o ar.

Mas onde estava o filho deles? Onde estava Callum?

A mão direita de Sarah segurava uma adaga. Ela havia se destacado na moldagem de minérios obtidos das profundezas do solo. Ela mesma tinha feito a adaga em seu último ano no Magisterium. A arma tinha um nome: Semíramis. Alastair sabia o quanto Sarah estimava aquela faca. *Se eu tiver de morrer, que seja empunhando minha própria arma*, sempre lhe dizia. Mas ele não queria que ela morresse de jeito nenhum.

Seus dedos roçaram o rosto gelado.

Um choro o fez dar meia-volta. Naquela caverna cheia de morte e silêncio, um choro.

Uma criança.

Ele se virou, procurando desesperadamente a origem do frágil choramingo. Parecia vir de perto da entrada da caverna. Ele refez o caminho pelo qual viera, tropeçando em cadáveres, alguns rígidos e congelados como estátuas — até que, de repente, outro rosto conhecido o fitou do meio da carnificina.

Declan. O irmão de Sarah, ferido na última batalha. Pelo visto, fora estrangulado por um uso particularmente cruel da magia do ar; o rosto estava azul e os olhos, injetados por vasos rompidos. Um de seus braços estava aberto, e, embaixo dele, protegido do chão gelado da caverna por uma manta feita no tear, estava o filho bebê de Alastair. Enquanto ele o olhava com espanto, o menino abriu a boca e soltou outro choro baixo e fraco.

Como que num transe, tremendo de alívio, Alastair se curvou e levantou o filho. O menino olhou para ele com grandes olhos cinzentos e abriu a boca para gritar de novo. Quando a manta caiu para o lado, Alastair entendeu o porquê. A perna esquerda do bebê pendia em um ângulo horrível, como um galho de árvore partido.

Alastair tentou evocar a magia da terra para curar o menino, mas só lhe restava poder suficiente para amenizar um pouco a dor. Com o coração disparado, tornou a envolver bem seu filho na manta e zigzegagueou pela caverna até onde Sarah estava. Segurando o bebê como se ela pudesse vê-lo, ele se ajoelhou ao lado do corpo.

— Sarah — sussurrou, as lágrimas espessas em sua garganta. — Vou contar a ele que você morreu o protegendo. Vou criá-lo na lembrança do quanto você foi corajosa.

Os olhos da mulher o fitavam, vazios e pálidos. Ele apertou a criança junto ao corpo e estendeu o braço para lhe tirar Semíramis da mão. Foi então que viu que o gelo perto da lâmina estava estranhamente marcado, como se ela o tivesse arranhado enquanto morria. Mas as marcas eram propositais demais para isso. Ao inclinar-se mais para perto, percebeu que eram palavras... palavras que sua mulher tinha gravado no gelo da caverna com as últimas forças.

Enquanto lia, sentiu cada palavra como três fortes golpes no estômago.

MATE O MENINO



CAPÍTULO UM

Callum Hunt era uma lenda em sua pequena cidade da Carolina do Norte, mas não por bons motivos. Famoso por afugentar professores substitutos com comentários sarcásticos, também era especialista em aborrecer diretores e inspetores escolares, além das senhoras da cantina. Os orientadores, que sempre começavam querendo ajudá-lo (afinal, a mãe do pobre garoto havia morrido), acabavam por esperar que ele nunca mais tornasse a aparecer em suas salas. Não havia nada mais constrangedor do que ser incapaz de dar uma resposta rápida a um garoto de 12 anos cheio de raiva.

A perpétua expressão fechada, os cabelos pretos despenteados e os olhos cinzentos desconfiados de Call eram bem conhecidos de seus vizinhos. Ele gostava de andar de skate, embora tivesse demorado um pouco para pegar o jeito; vários carros ainda exibiam as marcas de algumas de suas primeiras tentativas. Era visto com

frequência à espreita diante da vitrine da loja de livros e revistas em quadrinhos, da galeria e da loja de video games. Até o prefeito o conhecia. Seria difícil esquecê-lo depois que passou furtivamente pelo atendente do pet-shop durante a Parada de Primeiro de Maio e pegou uma toupeira, cujo destino seria alimentar uma jiboia. Ele lamentara pela criatura cega e enrugada que parecia incapaz de cuidar de si mesma — em nome da justiça, também libertara todos os camundongos brancos que teriam sido os próximos no cardápio da cobra.

Ele jamais imaginara que os camundongos fossem investir enlouquecidos contra os pés dos participantes do desfile, mas camundongos não são muito espertos. Tampouco imaginara que os espectadores fugissem dos camundongos, mas as pessoas também não são muito espertas, como o pai de Call explicara quando tudo terminou. Não era culpa de Call se o desfile tinha sido arruinado, mas todos — especialmente o prefeito — agiram como se fosse. Além do mais, seu pai obrigara Call a devolver a toupeira.

O pai de Call não aprovava furtos.

Em sua opinião, eram tão nocivos quanto magia.



Callum se mexia irrequieto na cadeira dura em frente à sala do diretor, perguntando-se se estaria de volta à escola no dia seguinte e se alguém sentiria sua falta se ele não estivesse. Muitas e muitas vezes, recordou as diferentes maneiras de não passar na prova do mago — de preferência, da forma mais espetacular possível. Seu pai tinha listado centenas de vezes as formas de ser reprovado: *Esvazie totalmente sua mente. Ou concentre-se em alguma coisa oposta ao que*

aqueles monstros querem. Ou foque sua mente na prova de outra pessoa em vez da sua. Call esfregou a panturrilha, que estivera rígida e dolorida na aula daquela manhã; ficava assim às vezes. Quanto mais alto ele se tornava, mais ela parecia doer. Pelo menos na parte física da prova do mago — fosse ela qual fosse — seria fácil ser reprovado.

Mais adiante no corredor, podia ouvir as outras crianças na aula de educação física, os tênis guinchando na madeira lustrosa do piso, as vozes elevadas enquanto gritavam provocações uns para os outros. Ele queria ao menos uma vez conseguir jogar. Podia não ser tão rápido quanto os outros meninos ou manter o equilíbrio tão bem, mas estava cheio de energia inquieta. Fora dispensado da exigência da educação física por causa da perna; até o ensino fundamental, quando tentava correr, pular ou subir em algum brinquedo na hora do recreio, um dos inspetores se aproximava e o lembrava de que precisava ir mais devagar para não se machucar. Se ele insistisse, eles o faziam entrar.

Como se alguns hematomas fossem a coisa mais terrível que poderia acontecer a alguém. Como se sua perna fosse piorar.

Call suspirou e olhou através das portas de vidro da escola, para o lugar onde seu pai em breve encostaria o carro. Ele dirigia o tipo de carro impossível de passar despercebido, um Rolls-Royce Phantom 1937, prata brilhante. Ninguém mais na cidade tinha um daqueles. O pai de Call era dono de uma loja de antiguidades na rua principal, a Agora e Sempre; não havia nada de que ele gostasse mais do que pegar objetos velhos e quebrados e deixá-los brilhantes, como novos. Para manter o carro funcionando, precisava fazer manutenção quase todo fim de semana. E vivia pedindo a Call que o lavasse e passasse algum estranho tipo de cera para carros, para evitar a ferrugem.

O Rolls-Royce funcionava perfeitamente... ao contrário de Call. Ele baixou os olhos para os tênis enquanto batia com os pés no chão. Quando usava jeans como aqueles, não dava para perceber nada de errado com sua perna, mas sem dúvida ficava evidente no instante em que ele se levantava e começava a andar. Quando bebê, tinha passado por sucessivas cirurgias e todos os tipos de fisioterapia, mas nada tinha realmente ajudado. Ele ainda mancava e arrastava um pouco a perna, como se tentasse se equilibrar em um barco sendo jogado de um lado para o outro.

Quando era mais novo, às vezes brincava que era um pirata ou mesmo um bravo marinheiro com uma perna de pau, naufragando com o navio após uma longa batalha de canhões. Brincava de piratas e ninjas, caubóis e exploradores alienígenas.

Mas jamais brincadeiras que envolvessem magia.

Jamais.

Ele ouviu o ronco de um motor e começou a se levantar — só para voltar a se sentar, aborrecido. Não era seu pai; só um Toyota vermelho comum. Um instante depois, Kylie Myles, uma aluna de sua turma, passou depressa por ele, com uma professora a seu lado.

— Boa sorte nos testes de balé — desejou a Sra. Kemal, e virou-se para voltar para a sala de aula.

— Ok, obrigada — respondeu Kylie, e depois olhou de um jeito estranho para Call, como se o estivesse avaliando.

Kylie *nunca* olhava para Call. Aquela era uma das características que a definiam, assim como os cabelos louros brilhantes e a mochila de unicórnio. Nos corredores, o olhar da garota passava direto por ele, como se fosse invisível.

Com um meio aceno ainda mais estranho e surpreendente, ela se dirigiu para o Toyota. Ele viu seus pais nos bancos dianteiros, parecendo ansiosos.

Não era possível que estivesse a caminho do mesmo lugar que ele, era? Não podia estar a caminho do Desafio de Ferro. Mas se estivesse...

Ele se levantou. Se ela ia para lá, alguém deveria alertá-la.

Muitas crianças acham que se trata de algo para quem é especial, dissera o pai de Call, a repugnância evidente em sua voz. Os pais pensam assim também. Especialmente nas famílias em que a aptidão mágica remonta a gerações. E algumas famílias nas quais a magia se extinguiu quase totalmente veem o fato de terem uma filha ou filho mágico como a esperança de um retorno ao poder. Mas são as crianças sem nenhum parente mágico que merecem mais compaixão. São elas que pensam que vai ser como nos filmes.

Não tem nada a ver com os filmes.

Nesse momento, o pai de Call encostou o carro junto ao meio-fio em frente à escola com um guinchar de pneus, bloqueando a visão que Call tinha de Kylie. Call mancou na direção das portas e saiu da escola, mas, quando alcançou o Rolls-Royce, o Toyota dos Myles já virava a esquina, saindo do seu ângulo de visão.

E lá se foi a oportunidade de adverti-la.

— Call.

O pai saíra do carro e estava encostado na porta do lado do passageiro. Seus cabelos pretos desgrenhados — os mesmos cabelos escuros embaraçados de Call — estavam ficando grisalhos nas têmporas, e ele vestia um blazer de *tweed* com cotoveleiras, apesar do calor. Call sempre achara que o pai se parecia com o Sherlock

Holmes da antiga série da BBC; às vezes as pessoas se surpreendiam por ele não falar com sotaque britânico.

— Está pronto?

Call encolheu os ombros. Como poderia estar pronto para algo que tinha potencial para estragar sua vida inteira caso desse as respostas erradas? Ou certas, no caso.

— Acho que sim.

O pai abriu a porta.

— Ótimo. Entre.

O interior do Rolls-Royce era tão impecável quanto o exterior. Call ficou surpreso de encontrar seu velho par de muletas jogado no banco detrás. Fazia anos que não precisava delas, não desde que caíra de um trepa-trepa e torcera o tornozelo — o tornozelo da perna *boa*. Quando o pai de Call entrou no carro e deu a partida, Call apontou para elas e perguntou:

— Para que isso?

— Quanto pior você parecer, maiores as chances de o rejeitarem — respondeu o pai em tom sombrio, olhando para trás quando dava a partida.

— Isso soa como trapaça — objetou Call.

— Call, as pessoas trapaceiam para *vencer*. Não se trapaceia para perder.

Call revirou os olhos, deixando o pai acreditar no que quisesse. Tudo que sabia com certeza era que de jeito nenhum ele iria usar aquelas muletas se não precisasse. Mas não queria discutir o assunto, não naquele dia, quando o pai tinha queimado a torrada no café da manhã, o que era bastante incomum, e sido ríspido com Call quando ele reclamou de precisar ir à escola para sair poucas horas depois.

Agora o pai estava curvado sobre o volante, os maxilares cerrados e os dedos da mão direita segurando com força a alavanca de câmbio, mudando a marcha com violência desnecessária.

Call tentou fixar o olhar nas árvores do lado de fora, cujas folhas começavam a amarelar, e se lembrar de tudo que sabia sobre o Magisterium. Da primeira vez que o pai disse alguma coisa sobre os Mestres e como eles escolhiam seus aprendizes, ele sentara Call em uma das grandes poltronas de couro em seu escritório. O cotovelo de Call tinha sido enfaixado e o lábio estava cortado, consequências de uma briga na escola, e ele não estava com energia para ouvir nada. Além disso, o pai parecia tão sério que Call ficara assustado. E foi assim também que seu pai falou, como se fosse contar a Call que ele estava com uma doença terrível. Acabou que a doença era o potencial para a magia.

Call tinha se encolhido na cadeira enquanto o pai falava. Estava habituado a ser provocado; as outras crianças achavam que a perna fazia dele um alvo fácil. Normalmente conseguia convencê-las do contrário. Daquela vez, porém, fora um bando de garotos mais velhos que o havia encurralado atrás do galpão perto do trepa-trepa no caminho da escola para casa. Eles o empurraram e avançaram sobre ele com os insultos de sempre. Callum tinha aprendido que a maioria das pessoas recuava quando ele partia para a briga, então tentara acertar o garoto mais alto. Aquele havia sido seu primeiro erro. Logo eles o atiraram no chão, um deles sentando-se sobre seus joelhos enquanto outro o esmurrava no rosto, tentando obrigá-lo a pedir desculpas e admitir que era um palhaço manco.

— Me desculpem por eu ser incrível, seus perdedores — dissera Call pouco antes de apagar.

Ele devia ter ficado desacordado por apenas um minuto, porque, quando abriu os olhos, pôde ver as figuras dos meninos em retirada já longe. Estavam fugindo. Call mal podia acreditar que sua frase de efeito tinha funcionado tão bem.

— Está certo — dissera, sentando-se. — É melhor correrem!

Então ele olhou ao redor e viu que o chão de concreto ao seu redor tinha rachado. Uma longa fissura ia dos balanços até a parede do galpão, dividindo a pequena construção ao meio.

Ele estava deitado exatamente no caminho do que parecia ter sido um miniterremoto.

Ele achou aquilo a coisa mais impressionante que já acontecera. O pai discordou.

— A magia é de família — disse o pai de Call. — Nem todos de uma mesma família necessariamente a terão, mas parece que você talvez tenha. Infelizmente. Lamento muito, Call.

— Então a rachadura no chão... está dizendo que eu fiz aquilo?

Call se sentira dividido entre uma alegria vertiginosa e um horror extremo, mas a alegria estava vencendo. Podia sentir os cantos da boca se levantando, e tentava forçá-los de volta para baixo.

— É isso que os magos fazem?

— Os magos recorrem aos elementos, terra, fogo, água e ar, e até ao vazio, que é a fonte da magia mais poderosa e terrível de todas: a magia do caos. Podem usar a magia para muitas coisas, inclusive para partir a própria terra, como você fez. — O pai assentiu para si mesmo. — No começo, quando a magia aparece, ela é muito intensa... É o poder em estado bruto... Mas o equilíbrio é o que modera a aptidão mágica. É preciso muito estudo para ter tanto poder quanto um mago recém-despertado. Jovens magos têm pouco controle. Mas, Call, você precisa lutar contra isso. E nunca

deve usar sua magia de novo. Se usar, os magos vão levá-lo embora para os túneis.

— É onde fica a escola? O Magisterium fica no subterrâneo?
— perguntara Call.

— Oculto sob a terra, onde ninguém pode encontrá-lo — respondeu o pai, em tom grave. — Não há luz lá embaixo. Nem janelas. O lugar é um labirinto. Você pode se perder nas cavernas e morrer, sem que ninguém jamais saiba.

Call passou a língua nos lábios repentinamente secos.

— Mas você é um mago, não é?

— Não uso minha magia desde que sua mãe morreu. Nunca mais vou usá-la.

— E mamãe foi para lá? Para os túneis? De verdade?

Call estava ansioso por ouvir qualquer coisa sobre a mãe. Não sabia muito sobre ela. Algumas fotografias amareladas num velho álbum, mostrando uma linda mulher com os cabelos pretos como os de Call e olhos de uma cor que ele não conseguia definir. Sabia que não devia fazer perguntas demais sobre ela ao pai, que nunca falava sobre a mãe de Call a menos que fosse absolutamente necessário.

— Sim, foi — confirmou o pai. — E foi por causa da magia que ela morreu. Quando entram em guerra, o que é frequente, os magos não se importam com as pessoas que morrem como consequência. E essa é outra razão para você não atrair a sua atenção.

Naquela noite, Call acordou gritando, acreditando que estava aprisionado sob a terra, que se empilhava sobre ele, como se estivesse sendo enterrado vivo. Por mais que se debatesse, não conseguia respirar. Depois, sonhou que fugia de um monstro feito de fumaça, cujos olhos giravam com mil cores diferentes e maléficas...

mas ele não conseguia correr rápido o bastante por causa da perna. No sonho, ele a arrastava atrás de si como um peso morto, até que desmaiou, com o hálito quente do monstro em seu pescoço.

Outras crianças da turma de Call tinham medo do escuro, do monstro debaixo da cama, zumbis ou assassinos com machados gigantescos. Call tinha medo de magos, e, mais ainda, de ser um deles.

Agora ia encontrá-los. Os mesmos magos que eram o motivo da morte de sua mãe e de seu pai quase nunca rir e não ter nenhum amigo, sentado no escritório em que transformara a garagem, consertando joias, móveis e carros caindo aos pedaços. Call achava que não precisava ser um gênio para entender por que o pai era obcecado por consertar coisas quebradas.

Passaram a toda velocidade por uma placa que dava boas-vindas à Virgínia. Tudo parecia igual. Ele não sabia o que esperar, mas tinha saído raras vezes da Carolina do Norte. As viagens para fora de Asheville eram pouco frequentes, na maioria das vezes para ir a encontros de permuta de peças de carros e feiras de antiguidade, onde Call perambulava entre montes de prataria escurecida, coleções de *cards* de beisebol em capas de plástico e cabeças de iaque empalhadas, antigas e esquisitas, enquanto o pai negociava alguma coisa inútil.

Ocorreu a Call que, se ele não trapaceasse no exame, talvez nunca mais fosse a um desses encontros de permuta. Sentiu um aperto no estômago e um calafrio o fez estremecer até os ossos. Forçou-se a pensar sobre o plano que o pai lhe incutira: *Esvazie totalmente sua mente. Ou concentre-se em alguma coisa oposta ao que aqueles monstros querem. Ou foque sua mente na prova de outra pessoa em vez da sua.*

Ele suspirou. O nervosismo do pai começava a afetá-lo. Ia dar tudo certo. Era fácil ser reprovado.

O carro saiu da rodovia e pegou uma estrada estreita. A única placa tinha o símbolo de um avião, com as palavras CAMPO DE AVIAÇÃO FECHADO PARA REFORMAS abaixo.

— Aonde estamos indo? — perguntou Call. — Vamos pegar um *avião* para algum lugar?

— Espero que não — murmurou o pai.

O pavimento da estrada passara abruptamente de asfalto para terra. Enquanto seguiam aos solavancos pelos poucos metros seguintes, Call se agarrava à porta para não sair voando nem bater com a cabeça no teto. Rolls-Royces não foram feitos para rodar em estradas de terra.

De repente, a rua alargou e as árvores se dispersaram. Estavam agora em um imenso espaço aberto. No meio, havia um enorme hangar feito de aço corrugado. Estacionados ao redor estavam cerca de uma centena de carros, desde picapes malconservadas até sedãs quase tão elegantes quanto o Rolls-Royce e muito mais novos. Call viu pais com os filhos mais ou menos da sua idade, caminhando apressados para o hangar.

— Acho que estamos atrasados — disse Call.

— Ótimo.

O pai pareceu sentir uma satisfação lúgubre. Estacionou o carro e saiu, gesticulando para que Call o seguisse. Call estava contente por ver que o pai aparentemente havia se esquecido das muletas. O dia estava quente, e o sol batia nas costas da camiseta cinza de Call. Ele enxugou a palma das mãos suadas na calça jeans enquanto atravessavam o terreno e passavam pela grande e escura abertura que era a entrada do hangar.

Lá dentro, encontraram o caos. Crianças andavam de um lado para o outro, suas vozes ecoando no espaço imenso. Havia arquibancadas montadas ao longo de uma parede de metal, e, embora pudessem acomodar muito mais pessoas do que as presentes, pareciam pequenas diante da imensidão do recinto. Uma fita de um azul vivo marcava xis e círculos no piso de concreto.

Do outro lado, em frente a um conjunto de portas de hangar que outrora se abriam para deixar sair os aviões para as pistas, estavam os magos.